

PLATONISMO E ARISTOTELISMO NO SÉCULO XII (I).

RUY AFONSO DA COSTA NUNES

Professor-assistente do Setor de Filosofia e História da Educação. Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Consagro esta monografia ao estudo de "Platonismo e Aristotelismo no século XII". Sua concisão talvez não corresponda ao vulto das leituras e consultas a que o tema me compeliu. Confesso, entretanto, que ela corresponde aos intuítos com que a concebi, após ter recebido a incumbência de redigí-la durante o curso de doutoramento, para a cadeira de Língua e Literatura Latina.

Evidentemente, não me seria possível elaborar um estudo demasiadamente alentado, a par com as obrigações da tese de doutoramento. Além disso, eu não poderia aprofundar numa monografia como esta todos os aspectos do tema proposto. Assim sendo, resolvi esquematizar o trabalho da seguinte maneira: apresentação do conceito em que foram tidos Platão e Aristóteles por parte dos pensadores do século XII; indicação das fontes literárias que serviram a êstes, no tocante ao platonismo e ao aristotelismo; finalmente, duas ilustrações dêsses movimentos doutrinários. Como amostra do platonismo, escolhi o tema: A Alma do Mundo, segundo o pensamento dos doutôres do século XII, que mais lidaram com essa questão; a ilustração do aristotelismo se baseia em João de Salisbury, que nos fornece em seu *Metalógico* informações sôbre a discussão a respeito dos Universais, assim como nos descreve suas impressões acêrca dos livros do *Organon*, até então não estudados, e que acabavam de ser traduzidos para o latim constituindo, assim, a chamada *Logica Nova* em oposição à *Logica Vetus*, conjunto de traduções aristotélicas e obras lógicas originais de Boécio.

Por último, quero lembrar a dificuldade que se experimenta em nosso meio para estudar semelhantes assuntos, devido à pobreza de

nossas bibliotecas sôbre a matéria. Os melhores esforços para a aquisição de textos e obras de referência não bastaram para superar a impossibilidade de consultar certas obras, dada a sua raridade, bem como a de revistas especializadas.

*

*

*

CAPÍTULO I.

PLATÃO E ARISTÓTELES NO SÉCULO XII.

O fim da Idade Antiga e a primeira Idade Média foram épocas que, no domínio do pensamento filosófico, podem ser consideradas platônicas. Sabe-se que o termo “platônico”, durante tantos séculos, não se vinculava necessariamente à doutrina de Platão. *Platonici* era denominação que servia para cobrir a paternidade de doutrinas não só de Platão como de Filão de Alexandria, dos pitagóricos ecléticos como Numênio de Apaméia, Longino, Moderato de Gades, Nicômaco de Gerasa, e dos platônicos como Plutarco, Gaio, Albino, Apuléio, Ático, e também dos neoplatônicos Plotino e Proclo.

Quando os primeiros cristãos começaram a filosofar, ou quando filósofos se convertiam ao Cristianismo, o mundo filosófico estava impregnado de platonismo, e Platão, devido a muitas de suas doutrinas, foi considerado por vários doutôres cristãos como seu precursor entre os gentios. Em seu *Diálogo com Trifão*, São Justino confessa ter percorrido tôdas as escolas filosóficas de seu tempo, e só ter ficado satisfeito, antes de conhecer a doutrina cristã, entre os platônicos. Para Orígenes, Platão representa a suprema expressão do pensamento fora da Revelação e foi o filósofo que falou melhor a respeito de Deus. Nenhum outro exerceu tanta influência sôbre o mestre de Alexandria, exceto Filão, que também lhe transmitiu doutrinas platônicas (1).

Segundo Clemente de Alexandria, Platão é o amigo da verdade, φιλαλήθης πλάτων (2). Clemente destaca-o entre os filósofos que afloraram a verdade no tocante à divindade, e diz que, em sua doutrina a respeito de Deus, Platão foi auxiliado pelos hebreus (3). Aliás, foi o que também reconheceu São Justino, para o qual Platão foi discípulo de Moisés (4). Percorrendo-se, ainda os *Discursos Teoló-*

(1). — Henri Crouzel, *ORIGÈNE ET LA PHILOSOPHIE*, pág. 49-50.

(2). — Clemente de Alexandria, *STROMATES I*, Cap. VII, 42.

(3). — Clemente de Alexandria, *O PROTREPTICO*, VI, 70.

(4). — São Justino, *APOLOGIA*, I, 60.

gicos, de São Gregório Nazianzeno, percebe-se cristalina o teor platônico de seus argumentos.

Santo Agostinho sintetiza o pensamento patrístico e exprime a atitude unânime dos Santos Padres quanto a Platão, ao celebrar os filósofos platônicos

“que disseram ser o Deus verdadeiro o autor dos seres, o ilustrador da verdade e o doador da felicidade” (5).

Enaltece Platão como o homem mais sábio e erudito de seu tempo (6), e no final do *Contra Academicos* declarou ser sua convicção que a doutrina dos platônicos era a que estava mais em conformidade com a revelação cristã (7). Em seus últimos dias, entretanto, arrependeu-se dos louvores que tributara a Platão e aos platônicos (8).

Outro título de Platão, além de seu méritos teológicos, e que será ressaltado pelos autores medievais, especialmente do século XII, é o de investigador da natureza, o cosmólogo conhecido e imitado através das traduções do *Timeu* feitas por Cícero e Calcídio. Durante muitos séculos a Física no Ocidente será de índole estritamente platônica, e os pensadores medievais, máxime os da Escola de Chartres, esmerar-se-ão em conciliar o *Timeu* com o Gênesis. Foi, pois, com grande e feliz impressionismo que, na época renascentista, Rafael, em sua “Escola de Atenas”, representou Platão segurando o *Timeu* numa das mãos, enquanto a outra indicava o céu. Esse quadro inspirado exprime à maravilha o duplo aspecto de Platão na Idade Média: o físico e o teológico.

Em segundo plano, relativamente a Platão, a figura de Aristóteles não se destaca, não avulta para os primeiros pensadores cristãos. Ao Filósofo que, segundo Abelardo, teria prefigurado no seio da gentildade tantas doutrinas reveladas, contrapõe-se o fisiólogo, o perscrutador do mundo sensível, e mesmo o ateu. Clemente de Alexandria, depois de referir-se aos filósofos ateus, e aos estoicos

“que desonraram simplesmente a filosofia”,

-
- (5). — “Platonici philosophis cedant, qui verum Deum, et rerum auctorem, et veritatis illustratorem, et beatitudinis largitorem esse dixerunt”. Santo Agostinho, *DE CIVITATE DEI*, I. VIII, cap. 5.
 - (6). — “Plato vir sapientissimus et eruditissimus temporum suorum...” *CONTRA ACADEMICOS*, L. III, 17, 37.
 - (7). — “Quod autem subtilissima ratione persequendum est ... apud Platonicos me interim quod sacris nostris non repugnet reperturum esse confido”. *CONTRA ACADEMICOS*, L. III, 20, 43, in fine.
 - (8). — “Laus quoque ipsa, qua Platonem vel Platonicos seu Academicos philosophos tantum extuli, quantum impios homines non oportuit, non immerito mihi displicuit. Præsertim contra quorum errores magnos defendenda est christiana doctrina”. *RETRACTATIONUM LIBRI DUO*, I, 1, 4.

lembra os Peripatéticos e afirma que o pai da seita “καὶ ὁ γε τῆς αἰρέσεως πατήρ, declarou ser deus o que nada tinha de comum com Deus (9).

Para Orígenes, os Peripatéticos, como os Sofistas e os Epicuristas, por suas falsas opiniões, desabonam a filosofia (10).

Tertuliano, sempre desabrido, vocifera:

“Pobre Aristóteles! Foi ele quem ensinou aos filósofos e hereges a dialética, esta arte de construir e destruir, proteiforme nas afirmações, arrojada nas conjecturas, áspera nos argumentos, fautora de discussões, prejudicial também para si mesma, que aborda todos os assuntos sem tratar de nada a contento” (11).

Esses juízos dos Santos Padres sobre Aristóteles não revelavam conhecimento exato de suas doutrinas, nem o mínimo interesse pelo seu pensamento. O que persistirá a respeito do Estagirita por muitos séculos será a imagem do dialético a tecer as malhas das categorias, em oposição à imagem de Platão, o investigador das causas das coisas (12).

Foi a partir do século XII que principiou a alterar-se a imagem que se fazia de Aristóteles. Nesse tempo Platão continua a ser considerado como precursor do Cristianismo e como físico por excelência, e Aristóteles sobretudo como lógico, embora filtrado através de Boécio. Todavia, foi nesse século que a enciclopédia aristotélica entrou a ser traduzida para o latim, e foi então que após o *Organon* completo começou a divulgação, que se prolonga pelo século XIII, das obras de física, metafísica, ética e psicologia aristotélicas, acompanhadas por um cortejo de comentários gregos, latinos e árabes. O renascimento filosófico do século XII ocorre sob o signo do aristotelismo com imensas repercussões culturais para a posteridade. Com o impulso dado à dialética, inicia-se no Ocidente o treino intelectual que adestrará a inteligência do homem europeu, não só para a imediata atividade intelectual das universidades, como para as

(9). — Clemente de Alexandria, O PROTÉPTICO, V 66, 4.

(10). — “καὶ ὥσπερ οὐ φιλοσοφίας ἐγγλημά εἰσιν οἱ σοφισταὶ, ἢ οἱ ἑπικούραιοι, ἢ οἱ Περικατηγχοί, ἢ οἱ τινὲς ποτ’ ἂν ᾤων οἱ ψευδοδοξοῦντες”.

Orígenes, CONTRA CELSUM, II, 27, cl. 847.

(11). — “Miserum Aristotelen! qui illis dialecticam instituit, artificem struendi et destruendi, uersipellem in sententis, coactam in coniecturis, duram in argumentis, operariam contentionum, molestam etiam sibi ipsam, omnia retractantem ne quid omnino tractauerit”. Q. S. Tertulliani, DE PRAESCRPTIONE HAERETICORUM, VII, 6.

(12). — “In causas rerum sentit Plato”, Bernardi Silvestris DE MUNDI UNIVERSITATE, L. I, III, 51.

futuras aventuras da ciência experimental (13). Ao teólogo Platão, cuja influência avassalara os espíritos medievais especialmente através de Santo Agostinho, substitui-se então o severo Aristóteles, cuja lógica servirá para estruturar a Escolástica, impulsionando o desenvolvimento da ciência teológica. Ao Físico da “Escola de Atenas”, sucede o Nôvo Físico com suas obras revolucionárias para os espíritos (14).

Salvatore Talamo em *L'Aristotelismo della Scolastica* não se refere, de forma alguma, ao aristotelismo do século XII. Suas preocupações giram somente em torno dos doutores do século XIII. No prefácio, entretanto, da terceira edição dessa obra (15), ao examinar objeções levantadas ao seu trabalho, tece considerações a respeito do platonismo dos Santos Padres e do aristotelismo dos escolásticos. Lembra que o meio filosófico dos Padres era platônico, enquanto no século XIII o ambiente cultural era diferente, a doutrina da Igreja estava assentada, e os problemas doutrinários procediam das interpretações errôneas que os filósofos muçulmanos deram aos escritos de Aristóteles. A deficiência dos apontamentos de Talamo em tal assunto deve-se, por certo, ao estado da pesquisa histórica em seu tempo, no domínio da cultura medieval. Hoje se sabe que no decurso das transformações, econômicas, políticas e intelectuais, que configuraram o chamado Renascimento do século XII, um dos fatos proeminentes para a história do pensamento foi a irrupção de Aristóteles no Ocidente, através das traduções de suas obras, iniciadas nessa época e que se prolongaram pelo século XIII. Foi o conhecimento direto e seguro das obras de Aristóteles, que permitiu, de fato, pela primeira vez, aos cristãos do Ocidente avaliar o alcance

(13). — “A Idade Média constitui longo treino de pensamento da Europa Ocidental para o senso da ordem... Basta uma frase, para indicar como o hábito definido foi implantado no espírito europeu pelo prolongado domínio da lógica e da teologia escolásticas. Permaneceu o hábito depois que a filosofia tinha sido repudiada, o inapreciável hábito de procurar um ponto exato e nele firmar-se quando encontrado. Galileu, deve mais a Aristóteles do que parece a um exame superficial dos seus *Diálogos*: deve-lhe a inteligência clara e o espírito analítico... Não discuto se a fé do europeu na escrutabilidade da natureza seja logicamente justificada pelos seus próprios teólogos. Para mim o ponto é compreender o aparecimento disso. Minha explicação está em que a crença na possibilidade da ciência, suscitada antes do desenvolvimento das modernas teorias científicas, deriva inconscientemente da teologia medieval”, A. N. Whitehead. *A CIÊNCIA e o MUNDO MODERNO*, págs. 22, 23, 24.

(14). — “Così quanto a metà del '200 il corpus aristotelico sostituisce il *Timeo*, non è tanto il naturalismo aristotelico che vince la metafisica platonica delle idee separate, quanto, soprattutto, un libro di fisica che viene sostituito a un altro”. Eugenio Garin, *STUDI SUL PLATONISMO MEDIEVALE*, pág. 10, nota 1.

(15). — Salvatore Talamo, *L'ARISTOTELISMO DELLA SCOLASTICA* nella Storia della Filosofia, Avvertenza dell'autore alla terza edizione.

das doutrinas aristotélicas, bem como filosofar e desenvolver criticamente o pensamento na linha do Estagirita, e beneficiar os estudos teológicos com novos recursos, como no Oriente já o fizera um São João Damasceno. O conhecimento da Escolástica do século XII e do início do século XIII reveste-se do mais elevado significado para o conhecimento de toda a Escolástica, pois o movimento intelectual dessa época remata um período cultural enraizado na cultura patristica, no fim do mundo antigo e abre novos horizontes, uma nova era para o pensamento cristão (16).

Apesar do escasso e quase nulo conhecimento das obras de Platão e de Aristóteles, os autores medievais até o século XII, em matéria de filosofia, podem ser caracterizados como platônicos pela mundividência haurida no Timeu, em Santo Agostinho, no Pseudo-Areopagita, e nos escritos atribuídos a Hermes Trismegisto, mundividência de colorido antes neoplatônico. Vejamos como os principais pensadores do século XII exprimiram sua devoção para com o fundador da Academia na esteira do que, no século IX, escrevera Escoto Eriúgena:

“Platão foi o mais notável entre os que filosofaram sobre a constituição do Universo” (17),

e ao mesmo tempo, frisemos o contraste dessa imagem aureolada com o retrato do lógico Aristóteles.

No dealbar do século XII deparamos com a obra *De Eodem et Diverso* do inglês Adelardo de Bath, o peregrino do saber que apurou sua erudição, percorrendo a Itália, a Sicília, a Grécia e a Ásia Menor. Adelardo discute questões relacionadas com o problema dos universais e procura conciliar Aristóteles com Platão. Sua predileção por este reponta em expressões como *familiaris meus Plato, unde meus Plato* (18).

Para Pedro Abelardo, o Cavaleiro da Dialética, afigura-se Platão

“o maior de todos os filósofos” (19).

(16). — Martin Grabmann, *GESCHICHTE DER SCHOLASTISCHEN METHODE*, Zweiter Band, pág. 4; Etienne Gilson, *LA PHILOSOPHIE au MOYEN AGE*, pág. 337.

(17). — “Qua autem ratione solummodo mundi centrum, id est terra, semper stat, cetera vero elementa circa eam aeterno motu volvuntur, non parva indiget consideratione. Nam et saecularium Philosophorum, et catholicorum Patrum de hac quaestione sententias cognovimus. Plato siquidem, *philosophantium de mundo maximus*, in *Timaeo* suo multis rationibus asserit...” Joannis Scoti, *DE DIVISIONE NATURAE*, Liber Primus, 31, cl. 476.

(18). — Adelardus Bathensis, *DE EODEM et DIVERSO*, pág. 13, l. 20 e 34.

(19). — “... maximus omnium philosophorum Plato”. Abaelardus, *THEOLOGIA CHRISTIANA*, PL 178, cl. 1317 B.

A escola platônica destaca-se em tôdas as áreas dos estudos filosóficos (20). Suas doutrinas concordam muitíssimo com a fé católica, segundo muitos testemunhos dos Santos Padres. Daí ser o "Sumo Filósofo" recomendado para estudo, tanto pelos especialistas nas letras seculares como pelos mestres da vida espiritual (21). Platão e seus discípulos, diz Abelardo (declaração que lhe acarretou muitos dissabores), conheceram o dogma da Santíssima Trindade.

A revelação que foi feita ao povo escolhido através dos profetas, também teria alcançado os pagãos através de filósofos como os platônicos (22). Baseado em Platão é que Abelardo faz profissão de um otimismo leibniziano *avant la lettre*. Deus não poderia ter feito mundo melhor do que este em que vivemos. O dr. Pangloss seria a reencarnação ideológica de Platão, pois este mundo é o melhor dos mundos possíveis. Afirmação esta que se justifica para Abelardo em virtude da suma bondade e da suma justiça de Deus (23). Platônico em sua teologia, Abelardo é aristotélico na teoria do conhecimento e em metafísica. Quando Porfírio adverte no início da Isagoge que não vai discutir o problema da existência de formas separadas, das idéias distintas das coisas, e existentes como representações mentais, por se tratar de problema muito profundo, e que exige investigação bem diferente e mais extensa, êle indica claramente que a discussão de tal problema não competia à lógica. Ora, quando Abelardo se envolve nas ásperas contendas lógicas com

(20). — "Cum itaque in omni doctrina philosophiae Platonica secta entuerit ..." Abaelardus, THEOLOGIA CHRISTIANA, PL 178, cl. 1161 B.

(21). — "Fluribus quoque testimonis sanctorum didicimus Platoniam sectam Catholicæ fidei plurimum concordare. Unde non sine causa maximus Plato philosophorum prae cæteris commendatur ab omnibus, non solum a peritis saecularium artium, verum etiam a Sanctis". Abaelardus, INTRODUCTIO ad THEOLOGIAM, PL 178, cl. 1028.

(22). — "Revolvatur et ille maximus philosophorum Plato, ejusque sequaces, qui testimonio sanctorum Patrum prae cæteris gentium philosophis fidei Christianae accedentes, totius Trinitatis summam post prophetas patenter addiderunt, ubi videlicet mentem quam *νοῦν* vocant, ex Deo natam, atque ipsi coaeternam esse perhibent, id est Filium, quem ad sapientiam Dei dicimus, ex Deo Patre aeternaliter genitum, qui nec Spiritus sancti personam praetermisisse videntur, cum animam mundi esse astruxerunt tertiam a Deo *νοῦν*, personam". Abaelardus, INTRODUCTIO ad THEOLOGIAM, PL 178, cl. 1012 —; THEOLOGIA CHRISTIANA, PL 178, cl. 1144.

(23). — "Hinc est illa Platonis verissima ratio, qua videlicet probat Deum nullatenus mundum meliorem potuisse facere quam fecit". Sic quippe in Tymaeo ait: "Dicendum cur Conditor", etc. Quis etiam neget unumquemque tantum velle bene agere quantum potest, aut unumquemque tantum debere bene agere, quantum potest? Quod sic hoc in nobis iudicium tenemus, quanto magis qui summe est bonus, et quem nullius operationis labor gravare potest? Quomodo autem vult et potest Deus si non perficit? Aut quomodo justus est, si quod debet et etiam potest non facit? Sed etsi minus beneficeret quam posset, perfecte bonus non esse. Facit itaque omnia quae potest Deus, et tantum bene quantum potest". Abaelardus, THEOLOGIA CHRISTIANA, PL 178, cl. 1324 D.

Roscelino, e Guilherme de Champeaux, toma posição quanto a essa questão, ou seja, formula sua doutrina precursora do realismo moderado de Santo Tomás de Aquino, revelando-se antiplatônico em metafísica e em gnoseologia.

Quanto a Aristóteles, considera-o Abelardo frequentemente como

“o Príncipe dos Peripatéticos” (24).

Godofredo de São Vitor em seu poema alegórico *A Fonte da Filosofia*, obra em que enfeixa as lembranças de seus estudos profanos e religiosos, alude a Platão e Aristóteles, ao tratar das sete artes liberais. Do alto da montanha mana a fonte límpida. Um dos braços em que se dividem as águas cinde-se, por sua vez, em três correntes, que constituem o *Trivium*. Nas margens do primeiro regato defrontam-se

“o grande Aristóteles” e o “venerando Platão” (25):

Aristóteles é o mestre da dialética e Platão, o da física. Boécio, que aparece a propósito da questão dos universais (no verso 233), procura explicar certas obscuridades de Aristóteles e consulta Platão a respeito da natureza das coisas (26).

No *Entheticus* de João de Salisbury encontra-se o primeiro esboço medieval de história da filosofia. Referindo-se a Platão, “o Iniciado nos mistérios da verdade”, diz o autor que o filósofo, apesar de fazer afirmações contrárias à fé, ensinou muitas doutrinas “agradáveis aos bons”, como a existência de Deus, a distinção entre a eternidade e o tempo e a disposição do mundo material conforme o pa-

(24). — “Princeps Peripateticorum Aristoteles”, Abaelardus, *THEOLOGIA CHRISTIANA*, PL 178, cl. 1213 A; “Peripateticorum Princeps Aristoteles”, *DIALECTICA*, tractatus secundus, De Categoriis, L. I, Introductio, pág. 145.

(25). — “Magnus Aristotilis presidet secunde
Culus distributor est atque custos unde;
Hic rimatur intima fluminis profunde
Et merenti cuilibet potum dat habunde”.
Godofredo de São Vitor, *FONS PHILOSOPHIAE*, v. 141.
“Sedet ex opposito venerandus Plato,
Solio sublimius ceteris elato,
Ore nitens, pectore pariter spectato,
Sed hec uldens oculo minus accurato”.

V. 189.

(26). — “Tamen Aristotilis quelibet obscura
Explanare nititur uigilante cura:
Huic uidetur logices assignare iura,
Sed Platonem consult de rerum natura”.

V. 237.

radigma das idéias (27). Ao abordar a questão que tanto interessou aos teólogos do século XII, a saber, o possível liame de Platão com a revelação, diz Salisbury que o filósofo “assentado no trono da sabedoria” não poderia, segundo a lenda, ter visto e ouvido a Jeremias no Egito, nem ter lido as escrituras proféticas, pois isso não se justifica cronologicamente. A razão de tal opinião lendária deve-se a que nos livros de Platão se topa com doutrinas acordes com afirmações dos profetas. No *Timeu* Platão parece exprimir claramente o mistério da Trindade. Salisbury refere, em seguida, a diferença entre Platão e Moisés e ressalta a existência de pontos comuns entre as doutrinas dos platônicos e as da religião cristã (28).

“No dia em que Platão, o Príncipe dos Filósofos, morreu, afirma o *Saresberien*se, viu-se o sol despencar do céu...” (29).

Após estas palavras, Salisbury descreve como Aristóteles sucedeu a Platão e resplandeceu ante os homens *quasi matutinum sidus*, como a estrêla da manhã. “Homem de engenho excelente”, diz êle, Aristóteles foi inferior a Platão quanto ao estilo, mas foi superior a muitos e sucedeu ao mestre na liderança do ensino. Em suas doutrinas filosóficas iluminou o mundo com as cintilações variegadas da sabedoria, e como que a espantar a escuridão dos olhos, restaurou as mentes dos homens para a contemplação da verdade. No *Entético* “o grande Aristóteles” é focalizado como físico, moralista e lógico (30), acrescentando-se, porém, que apesar de seus notáveis méritos, êle foi

(27). — “At Plato symmystes veri distinguit in ipsis scibilibus, quid res scire creata queat. Nam licet interdum fidei contraria dicat, sunt tamen illius plurima grata bonis. Principio docet esse Deum, distinguit ab aevo tempus et ideas applicat, aptat hylen”. João de Salisbury, *ENTHETICUS*, *De Platone et Dogmate ejus*, PL 199, cl. 385 c.

(28). — João de Salisbury, *POLYCRATICUS*, PL 199, L. VII, cap. V, cl. 644 A, 645 D, 646 C.

(29). — “Sol e coelo visus est cecidisse, qua die philosophorum princeps Plato rebus excessit humanis, et quasi lucernam mundi extinctam defleverunt, qui ad thronum sapientiae, cui ille diu praesederat, sua arbitrabantur studia praeferenda”. João de Salisbury, *POLYCRATICUS*, PL 199, cl. 647 C., L. VII, cap. VI, cl. 647 C.

(30). — “Magnus Aristoteles sermonum possidet artes
Et de virtutum culmine nomen habet
Iudicii libros componit et inveniendi
Vera, facultates tres formulantur ei:
Physicus est moresque docet, sed logica servit
Auctori semper officiosa suo.
Haec illi nomen proprium facit esse, quod olim
Donat amatori sacra sophiae suo;
Nam qui praececellit, tituli communis honorem
Vindicat, hoc fertur jure poeta Maro”.
ENTHETICUS, PL 199, cl. 983 A.

“um desgraçado caçador de louvores” (31).

No *Metalógico* frisa Salisbury que o maior título de glória para Aristóteles resultou de sua mestria na ciência da demonstração, que lhe valeu indiscutível eminência sobre todos os filósofos (32). O fundador da seita peripatética versou todas as partes da filosofia e, assim como para Virgílio, Roma afigurava-se “a Cidade”, assim o termo Filósofo, por antonomásia, passou a designar Aristóteles (33). Ainda que tenha sido considerado como um perturbador dos nomes e dos verbos, a sutileza de seu espírito e a suavidade admirável de sua palavra parecem merecidamente aproximá-lo de Platão (34). Para João de Salisbury, em suma, Aristóteles, grande filósofo, mas inferior a Platão, foi sobretudo o Lógico.

Alano de Lille também representa Aristóteles como o lógico por excelência e Platão a investigar os profundos segredos da terra e do céu, tentando esmiuçar os desígnios divinos (35).

Data de 1178 o livro de Gualtério de São Vitor *Contra os Quatro Labirintos da França* e que mais precisamente deveria intitular-se “Contra os Quatro Minotauros da França”, obra que Glorieux, em sua edição crítica, considera “má ação e mau trabalho”. Para Gualtério o estudo de Platão e Aristóteles, como de outros filósofos, não passa de tolice, inanidade e perda de tempo. Os doutores eclesiásticos, afirma, devem seguir as artes divinas e não as liberais; devem imitar os santos e não os filósofos (36).

Hugo de São Vitor, num lanço de seus comentários ao Pentateuco, procede a uma tênue referência crítica ao platonismo, do ponto de vista teológico, estabelecendo em poucas palavras a distância que media entre os filósofos, no caso os platônicos, e “os nossos

(31). — “Nam licet in summis fuerit praeclarus habendus,
Captator laudis immoderatus erat”.

ENTHETICUS, PL 199, cl. 984 A.

(32). — “Fuit autem apud peripateticos tantae auctoritatis scientia demonstrandi, ut Aristoteles, qui alios fere omnes et fere in omnibus, philosophos superabat, hinc commune nomen sibi quodam proprietatis jure vindicaret, quod demonstrativam tradiderat disciplinam. Ideo enim, ut aiunt, in ipso nomen philosophiae sedit. Si mihi non creditur, audiat vel Burgundio Pisanus, a quo istud accepi”. METALOGICUS, PL 199, L. IV, Cap. VII, cl. 920 A.

(33). — POLYCRATICUS, PL 199, L. VII, Cap. VI, cl. 647 D.

(34). — POLYCRATICUS, PL 199, L. VII, Cap. VI, cl. 648 B.

(35). — “Illic arma parat logico logiceque palestram
Pingit Aristoteles, sed eo diutius ipsa
Somnia archana rerum celi que profunda
Mente Plato, sensumque Dei perquirere temptat”.

Alanus de Insulis, ANTICLAUDIANUS, L. I, v. 131.

(36). — Glorieux, LE “CONTRA QUATUOR LABYRINTHOS FRANCIAE” de Gauthier de Saint Victor, édition critique in Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age, T. XIX, 1953, Incipit Quartus, I, V, VI, VII, págs. 270, 273, 274.

autores". Aquêles consideram Deus apenas como o artífice do universo e admitem três princípios para explicar tôda a realidade: Deus, a matéria e as idéias-arquétipos. Os

"nossos, porém, admitem um único princípio, que é Deus" (37).

São Bernardo, sempre constante em seu bom-humor para com os filósofos, lembra aos ouvintes, num de seus sermões, que os santos apóstolos não nos ensinaram a ler Platão nem a revolver as sutilezas de Aristóteles, nem a aprender sempre, sem jamais chegar à ciência, e sim a viver: *docuerunt me vivere* (38).

Mesmo a crítica, suave ou azeda, a Platão e Aristóteles nos textos do século XII, testemunham a popularidade dêsses filósofos entre os estudiosos da época.

*

*

*

CAPÍTULO II.

AS FONTES LITERÁRIAS DO PLATONISMO E DO ARISTOTELISMO NO SÉCULO XII.

Os filósofos e letrados do início do século XII só conheciam diretamente de Platão o fragmento do *Timeu* (17 a-53 c) na tradução de Calcidio. Do restante da obra platônica só dois diálogos foram vertidos nesse século do grego para o latim: o *Fedão* e o *Menão*, que aliás não tiveram repercussão no pensamento medieval. Seu tradutor foi o arquidiácono de Catânia, Henrique Aristipo, responsável também por traduções de Gregório Nazianzeno e Diógenes Laércio, mas das quais só resta a notícia. Afora a voga e a influência de que desfrutou o *Timeu* no século XII, difundiu-se sob o nome de platonismo, tanto a doutrina platônica divulgada por Apuleio, e filtrada

(37). — "Intentio ejus est in hoc libro, tria principaliter ostendere. In primis Deum Creatorem, et materiam creatam et formationem ejus, et totum hoc ad laudem Dei, et utilitatem hominis: cui utile est Deum admirari et venerari. In eo quod creavit, id est de nihilo fecit mundum, miramur ejus potentiam. In eo quod ornavit, id est pulchrum facit mundum, ejus sapientiam miramur. In hoc enim different auctores nostri a philosophis, quod philosophi Deum opificem tantum, et tria ponunt principia: Deum, materiam, et archetypas ideas; nostri vero unicum ponunt principium, et hoc Deum solum. Et cum hoc constet apud omnes divini verbi tractatores, scilicet quod unum solum sit principium, de modo tamen creandi magna quaestio est". Hugo de S. Victore, ADNOTATIONES ELUCIDATORIAE in PENTATEUCHON, PL 175, Caput IV, cl. 33 A.

(38). — S. Bernardus, IN FESTO SS. PETRI ET PAULI SERMO II, PL 183, cl. 407 A.

pelo comentário de Calcídio, como principalmente a doutrina neoplatônica, que os autores da época conheciam indiretamente através dos neoplatônicos latinos da Antigüidade, como Mário Vitorino e Macróbio, ou de escritores eclesiásticos como Nemésio, o Pseudo-Areopagita e Santo Agostinho.

Nemésio, bispo de Emesa, foi o autor do tratado de psicologia *De natura Hominis*, muito estudado na Idade Média. Até o século XVI a obra corria por conta de São Gregório de Nissa, e dela existiam duas traduções: uma feita no século XI por Alfano († 1085) e a outra em 1159 por Burgúndio de Pisa.

As obras do Pseudo-Areopagita, que marcaram profundamente a teologia medieval, passaram por três traduções: a de Hilduíno, discípulo de Alcuíno, realizada entre 828 e 835; a de João Escoto Eriúgena, por volta de 860, e a de João Sarraceno, que data de 1167.

Dos platônicos latinos da Antigüidade Apuleio é conhecido especialmente, entre os filósofos, por suas obras: *De deo Socratis* e *De Platone et ejus dogmate*. Nesta, ao expor a filosofia da natureza de Platão, aduz os três princípios das coisas (*Initia rerum esse tria...*): Deus, a matéria e as formas das coisas ou idéias, tal como na citação de Hugo de São Vitor que examinamos atrás.

Caio Mário Vitorino (300-363), africano, foi professor de retórica, convertendo-se ao Cristianismo em 355. Escreveu tratados de gramática e dialética, comentou Porfírio, Aristóteles e Cícero, e conforme depoimento de Santo Agostinho, que citaremos adiante, traduziu obras de Plotino. Em suas obras de controvérsia religiosa revela-se neoplatônico e bom conhecedor das doutrinas das *Enéadas*.

Macróbio foi um *vade-mecum* para muitos autores do século XII, ignorantes de suas fontes e inspirações neoplatônicas. O *Sonho de Cipião* de Cícero serviu de ocasião a Macróbio para expor em comentário suas doutrinas neoplatônicas. Embora tivesse lido Plotino, seu verdadeiro mentor e a fonte real de seu pensamento foi Porfírio, do qual êle não passou de um eco a repercutir pelos séculos medievais (39). Schedler consagrou um livro à filosofia de Macróbio, como se êste tivesse sido um filósofo original. Para o erudito alemão, se o *Comentário sobre o Sonho de Cipião*, constitui um valioso subsídio à história da filosofia; se contribui para compreender o desenvolvimento do pensamento escolástico ao qual forneceu noções de metafísica neoplatônica, especulações numéricas dos pitagóricos, e conhecimentos musicais e astronômicos, nada disso empana o brilho intrínseco do filósofo compilador (40).

(39). — P. Courcelle, LES LETTRES GRECQUES en OCCIDENT de MACROBE a CASSIODORE, 1ère partie, chap. I, pág. 3-36.

(40). — Schedler, DIE PHILOSOPHIE des MACROBIUS in Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters, Band III, Heft 1.

Macróbio utilizou os comentários de Porfírio sobre a *República* e o *Timeu*, sendo este sua fonte principal a respeito dos problemas astronômicos. Macróbio transformou a doutrina porfiriana em sistema filosófico, doutrina, que, segundo Courcelle, representou para ele a

“Verdade revelada e eterna” (41).

Foi a mais forte influência neoplatônica que se exerceu sobre o pensamento do século XII. Abelardo considera-o filósofo importante. Num passo de sua *Teologia Cristã*, ao tratar da alma do mundo, refere-se a ele como

“filósofo não medíocre, comentador do grande filósofo Cícero” ou como “o comentador mais cuidadoso entre os filósofos” (42).

Para Abelardo o sumo filósofo é Platão e Macróbio está na primeira fila dos platônicos.

Godofredo de São Vitor coloca Macróbio em companhia dos dialéticos, ao lado de Marciano Capela (43).

João de Salisbury usou amplamente de suas obras, especialmente das *Saturnais*, como se depreende da leitura do Policrático (44).

Alano de Lille cita-o em seus sermões sem nomeá-lo (45). No que tange ao platonismo, entretanto, os pensadores do século XII devem muito mais a Calcídio que a Macróbio. O *Comentário sobre o Timeu* do hermeneuta espanhol proporcionou aos medievais doutrinas e informações de teor realmente platônico, se bem que permeadas por influências cristãs. O *Timeu*, segundo confessa Calcídio, logo no início de seu comentário, trata de múltiplas questões aritméticas, geométricas, astronômicas, musicais, porque é uma obra que estuda todo o universo. Foi, pois, por uma imposição do próprio texto, que Calcídio examinou ainda questões biológicas, psicológicas, metafísicas, teológicas, sendo que nestas últimas transparece muito bem sua cren-

(41). — Courcelle, *idem*, pág. 34.

(42). — Abaelardus, THEOLOGIA CHRISTIANA, PL 178, cl. 1153 C. “Diligentissimus philosophorum in expositione”, INTRODUCTIO ad THEOLOGIAM, PL 178, cl. 1024. Veja-se ainda INTROD., cl. 1080 e THEOL. CHRIST. 1307 B.

(43). — “Adest Macrobius, adest Marclanus:
Huic placet Mercurius, illi Africanus;
Sed dum sursum dirigunt oculos et manus,
Lustrant quidquid continet ambitus mundanus.
Godofredo de São Vitor, FONS PHILOSOPHIAE, v. 241.

(44). — Saresberiensis, POLYCRATICUS, L. VIII, CX, cl. 7420.

(45). — “Expergiscere, o homo, notys elittos (sic), id est, nosce te ipsum”. Alanus de Insulis, SERMO de TRINITATE in Alverny, ALAIN DE LILLE, TEXTES INÉDITS, pág. 267. — “O homo, hec est illa vox celestis que de celo legitur descendisse: Nothis elitos, id est, te ipsum cognosce”. Alanus de Insulis, MEMORARE NOUISSIMA TUA, *idem*, pág. 267. — Comparem-se essas passagens com a frase de Macróbio: “De coelo descendit gnôthi seautón”. COMMENTARIUS ex CICERONE in SOMNIUM SCIPIONIS, L. I, Cap. IX.

ça cristã. Além de outros méritos, o *Comentário sobre o Timeu* valia como enciclopédia, e algumas das discussões que contém, de âmbito teológico, impressionaram a fundo os autores medievais. Deus é concebido como o sumo bem, o ser absolutamente perfeito, que transcende tôdas as criaturas (46). A origem das obras de Deus e seu início são incompreensíveis. Mas Deus nada fez sem causa. Tudo que Ele faz é anterior ao tempo, porque só Ele é eterno. O mundo sensível foi feito por Deus, e por isso, ainda que seja corpóreo, êle é eterno (47). Das divindades do *Timeu* (δαίμονες) Calcídio faz despontarem os Anjos da Guarda do Cristianismo (48). Discute as opiniões de Aristóteles, dos pitagóricos, de Platão e dos estóicos a respeito do conceito de matéria, “silva”, como lhe chama, reconhecendo-lhe a obscuridade (49). Admite como reta concepção da matéria o conceito aristotélico de princípio indeterminado ao qual o Criador ajuntou as propriedades sensíveis (50). Focaliza a interpretação de Platão quanto às relações entre contingência e necessidade na conduta humana, e examina com muita habilidade o problema da Providência, do destino, do acaso e da liberdade (51).

O *Comentário sobre o Timeu* de Calcídio é um livro muito interessante e valioso para o historiador das idéias. O autor revela vasto conhecimento do pensamento antigo, da obra de Platão e de seus comentadores. Não é este o lugar para o analisarmos, mas a amostra que apresentamos é suficiente para que se avalie o seu papel na direção do pensamento, e na influência platonizante que exerceu sobre o século XII.

Verificamos, anteriormente, a admiração e o respeito que Santo Agostinho tributava aos “platônicos”. Deve-se agora frisar que o

(46). — “Principio cuncta, quae sunt, et ipsum mundum contineri, regique, principaliter quidem a summo Deo, qui est summum bonum, ultra omnem substantiam, omnemque naturam, existimatione intellectuque melior; quem cuncta expetunt, cum ipse sit plenae perfectionis, et nullius societatis indigus: de quo plura dici nunc, exorbitare est”. Calcidii IN PLATONIS TIMAEUM COMMENTARIUS, Cap. 174, pág. 219.

(47). — *Idem*, cap. XXIII, pág. 185.

(48). — “Ut enim Deus juxta angelum, sic angelus juxta hominem. Dehinc quod usui nobis sint interpretantes, et nuntiantes Deos nostras preces, et item hominibus Dei voluntatem intimantes; illi nostram indigentiam, porro ad nos divinam opem deferentes. Quam ob causam appellati sunt angeli ob assiduum officium nuntiandi”.

Idem, cap. 131, pág. 211.

(49). — *Idem*, cap. 320, pág. 249.

(50). — “Recta igitur nostra est opinio, neque ignem, neque terram, neque aquam, nec spiritum, esse silvam; sed materiam principalem, et corporis primam subjectionem, in qua non qualitas, non quantitas, non figura, non forma sit ex propria natura: sed virtute opificis haec ei conjuncta et connexa sint, ut ex his universo corpori et singillatim perfectio, et communiter varietas comparetur”.

Idem, cap. 314, pág. 247.

(51). — *Idem*, cap. 1566 e seguintes, pág. 216.

Neoplatonismo atuou profundamente em sua formação (52), e lhe impregnou o pensamento de tal forma, que o estudo das obras do santo Doutor bastava, por si só, para servir como fonte de inspirações neoplatônicas a seus leitores. Plotino afirgurava-se-lhe o representante mais puro da doutrina platônica (53). Os livros “platônicos” provocaram em Santo Agostinho uma espécie de nova conversão, após a que o levou à fé. Como êle mesmo confessa, a leitura de alguns livros de Plotino, que êle confrontou com os ensinamentos da religião cristã, e leu em tradução de Mário Vitorino, inflamou-o com extraordinário ardor. A filosofia neoplatônica foi como um pôrto feliz para seu espírito atribulado por tantas navegações tempestuosas. Proporcionou-lhe paz, descobriu-lhe a concepção da participação nos graus do ser, revelou-lhe a distinção entre sensibilidade e inteligência, a existência do espírito como atividade, a noção do espiritualismo puro, e dirigiu-o para a atitude reflexiva do pensamento, condição da vida interior (54). Além disso, é preciso lembrar que o meio cultural de Milão estava permeado pelo neoplatonismo, única filosofia viva e atuante no século IV. Os sermões de Santo Ambrósio também descortinaram ao jovem Agostinho o Neoplatonismo, como filosofia oposta ao maniqueísmo e conciliável com o Cristianismo (55).

Diante de tudo isso, conhecendo-se os passos das várias obras nas quais Agostinho acena às doutrinas platônicas, é fácil aquilatar a influência que o Neoplatonismo exerceu sobre os assíduos e infatigáveis leitores da obra do Bispo de Hipona.

Em seu notável tratado *Sobre as Disciplinas*, de 1531, Vives ao examinar a corrupção da Dialética, leva ao extremo sua sensibilidade de humanista, e perpetra grave falta de incompreensão histórica ao criticar a distinção entre *Logica Vetus* e *Logica nova*, que passou a vigorar no século XII. Diz êle, com sarcasmo, que os dialéticos medievais, abandonando a clássica divisão da *lógica da invenção* e *lógica do juízo*, introduziram uma classificação flamejante e genial em *lógica antiga* e *lógica nova*:

“La razón de este nombre no te la explicarás más satisfactoriamente que porque hay un digesto nuevo y un digesto viejo. Lllaman *lógica vieja* a los *Predicables*, a las *Categorías* y al tratado de la *Interpretación* y *lógica nueva* a los *Primeros*, a los *Posteriores*.”

(52). — Cf. Charles Boyer, S. I., *CHRISTIANISME et NEOPLATONISME dans la FORMATION de SAINT AUGUSTIN*.

(53). — Santo Agostinho, *CONTRA ACADEMICOS*, L. III, 18, 41.

(54). — Santo Agostinho, *DE BEATA VITA*, *Praeloquia*, 4; cf. Jean-Marie Le Blond, *LES CONVERSIONS DE SAINT AUGUSTIN*, Première partie, chap. IV, pág. 115.

(55). — Pierre Courcelle, *RECHERCHES SUR LES CONFESIONS DE SAINT AUGUSTIN*, chap. III, págs. 93-138.

y a los *Tópicos*. A este añaden un séptimo tratado que introdujeron los modernos, ampliando el coto tradicional y el circuito de la heredad antigua con una adquisición reciente" (56).

Vives não tem razão em ironizar os autores medievais, que chamavam de *vetus* "un digesto viejo" e de *nova* un "digesto nuevo". O importante é saber que se justifica historicamente a distinção entre os dois tipos de estudo da lógica: no primeiro, as fontes para a aprendizagem eram constituídas apenas pelo acervo boeciano; no segundo, partia-se para o estudo da lógica através do *Organon* completo. Testemunha irrefragável desse evento cultural depara-se no Saresberienense, que investe contra os antigos, contentes só com Boécio, sem saber quase nada, e defende a supereminência de Aristóteles na lógica, embora advirta que nem por isso se deva tomar por sacrosanto tudo quanto este disse ou escreveu (57). Após ter confessado sua dificuldade para apreender e reter as sutilezas dos *antigos*, afirma João de Salisbury que não desdenhava citar os *modernos* cujas opiniões, em muitos casos, não hesitou em preferir às dos antigos (58). Além das obras de Aristóteles, ele aprecia as dos *modernos*, que acrescentaram àquêle muitas razões e boas regras, e exprime seu débito não só para com Temístio, Cícero, Apuleio, Boécio, como também para com o "Peripatético do Pallet" (Abelardo), e outros professôres, que o ajudaram, seja na explicação dos autores antigos (*veterum*), seja no desenvolvimento de doutrinas novas (*in inventionem novorum*) (59).

Vê-se, portanto, à luz dos textos de um humanista preclaro, precursor da família renascentista de Vives, que a distinção entre

(56). — Vives, OBRAS COMPLETAS, T. II, Parte I, L. III, Cap. V, pág. 439. O sétimo tratado, a que se refere Vives, é a obra de Gilberto Porretano: *Liber de Lex Principiis*.

(57). — Salisbury, METALOGICUS, PL 199, L. IV, Cap. XXVII, cl. 931-932.

(58). — *Idem*, Prologus, cl. 824-825.

(59). — *Idem*, L. III, Cap. VI, cl. 904. A respeito da distinção entre lógica antiga e lógica nova consulte-se: Prantl, GESCHICHTE der LOGIK im ABENDLAND, II, pág. 117, Alte und neue Logik; Ueberwegs, GRUNDRISSE der PHILOSOPHIE, Band II, pág. 205.

Grabmann estabelece muito bem a distinção entre *Logica Vetustas* e *Logica Nova* no século XII: "Für die Logik der Scholastik des 12. und 13., wie auch der folgenden Jahrhunderte, bildeten die logischen Schriften des Aristoteles und des Boethius, die zugleich mit der *Isagoge* des Porphyrius zu einem *corpus* logischer Textbücher verbunden waren, die Grundlage, welche in überaus zahlreichen Kommentaren, in systematischen Gesamtdarstellungen der Logik und in Logischen Monographien bearbeitet und weitergebildet wurde. Dieses *corpus logicum* zerfällt in zwei Teile. In die *Logica vetustas* und die erst im Verlaufe des 12. Jahrhunderts bekannt gewordene *Logica nova*".

Depois de explicar o conteúdo da *Logica Vetustas*, Grabmann indica o da *Logica Nova*. Grabmann, *Aristoteles im zwölften Jahrhundert*, Mediaeval Studies, Volume XII, pág. 123-124.

logica vetus e *logica nova* surgiu por imposição dos fatos, atestando para a posteridade o impacto cultural provocado no Ocidente pela introdução das obras de Aristóteles, por volta da metade do século XII.

Em sua *Dialética*, cujas partes foram gradualmente publicadas até 1118, sendo a 3a. edição de 1137 provavelmente, Abelardo situa seu trabalho em relação às obras existentes para o estudo da lógica (60): o *De Quinque Vocibus* (a Isagoge) de Porfírio, e quatro livros de Boécio, consagrados às *Divisões*, aos *Tópicos*, aos *Silogismos Categóricos* e aos *Hipotéticos*. Declara o próprio Abelardo só conhecer duas obras de Aristóteles: as *Categorias* e o *Peri Hermeneias*. De Rijk, no estudo introdutório à sua edição da *Dialética*, examina muito bem a posição de Abelardo quanto à lógica nova, concluindo que o famoso paladino da dialética não entrou em contacto com as novas traduções do *Organon*, mas que conheceu, em tradução antiga, talvez parcial, e pouco divulgada, os *Primeiros Analíticos* e os *Elencos Sofísticos* (61).

Cerca de 1141, todo o *Organon* aparece no *Eptatheucon* de Teodorico de Chartres, exceto os *Analíticos Posteriores*. Estes existiam numa edição antiga e adulterada, atribuída a Boécio. Jacó de Veneza traduziu-os do grego para o latim (62). Também do grego verteu-os para o latim, alguns anos mais tarde, o Tradutor Anônimo, antes de 1159 (63), e finalmente Gerardo de Cremona, falecido em 1187, traduziu-os do árabe.

(60). — Petrus Abaelardus, DIALECTICA, Tractatus secundus, De Categoriis, Lib. I, pág. 146.

(61). — Prantl, GESCHICHTE der LOGIK im ABENDLANDE, XIV Abschnitt, Das vervollständigte Material, especialmente pág. 103.

(62). — Lê-se na crônica, de 1128, de Roberto de Torigny, abade de Monte-São Miguel: "Iacobus clericus de Venecia transtulit de greco in latinum quosdam libros Aristotilis et commentatus est, scilicet Topica, Analyticos Priores et Posteriores, et Elencos, quamvis antiquior translatio super eosdem libros haberetur". Pouco depois desta citação, comenta Haskins: "In the passage of Robert two important points stand out: the existence of an earlier version of the *Topics*, *Analytics*, and *Elenchi*, and the new rendering, with its accompanying commentary". STUDIES in the HISTORY of MEDIAEVAL SCIENCE, pág. 227.

(63). — ARISTOTELES LATINUS, IV2 ANALYTICA POSTERIORA, Translatio Anonyma, Prologus Interpretis: "Vallatum multis occupationibus me dilectio uestra compulit ut Posteriores Analeticos Aristotilis de greco in latinum transferrem, quod eo affectuosius aggressus sum quod cognoscebam librum illum multos in se scientie fructus continere, et certum erat notitiam eius nostris temporibus Latinis non patere. Nam translatio Boetii apud nos integra non inuenitur, et id ipsum quod de ea reperitur ultio corruptionis obfuscat. Translationem uero Iacobi obscuritatis tenebris inuolui silentio suo perhibent Francie magistri, qui quamuis illam translationem et commentarios ab eodem Iacobe translatos habeant, tamen notitiam illius libri non audent profiteri. Eapropter, si quid utilitatis ex

Otão de Freising, que estudou em Paris em torno de 1130, e que se manteve familiarizado com o desenvolvimento filosófico na França e na Itália, introduziu, pela primeira vez, na Alemanha, os *Analíticos Posteriores*.

João de Salisbury, no *Metalógico*, revela-se conhecedor da Nova Lógica. Esse conhecimento lhe adveio das dez viagens efetuadas à Itália. Sabe-se que a Sicília foi importante centro de traduções no século XII, só inferior a Toledo. Salisbury visitou Benevento, conheceu Burgúndio de Pisa, e estudou com um intérprete grego de Santa Severina, ao qual ficou devendo sua familiaridade com a Nova Lógica (64).

Gerardo de Cremona traduziu do árabe para o latim, além dos *Posteriores*, e seu comentário por Temístio, a *Física*, o *De coelo et mundo*, o *De generatione et corruptione* e os três primeiros livros dos *Meteorológicos*. O 4º livro foi traduzido do grego por Henrique Aristipo.

De autores anônimos são as traduções, feitas do grego, das outras obras aristotélicas, por volta de 1160: partes da *Metafísica* (Iª IV, cap. IV, *Metaphysica vetustissima*), da *Física*, dos *Parva Naturalia*, o *De generatione et corruptione*, o *De Anima* e a *Ethica Vetus* (livros II e III da *Ética a Nicômaco*).

Colhe-se desta pequena resenha das traduções que, no fim do século XII, já existia em latim quase toda a enciclopédia aristotélica. Sua influência far-se-á sentir no currículo da Faculdade de Artes no século XIII. Antes disso, preponderaram apenas as obras lógicas no ensino das Artes.

Até ao fim do século XII, Platão e Aristóteles são considerados conforme a acertada designação empregada por Cassiodoro em carta a Boécio, designação que se tornou clássica:

“*Plato theologus, Aristoteles logicus*” (65).

Além dos textos originais, integravam a corrente dos estudos aristotélicos vários comentários: a *Isagoge* de Porfírio em tradução de Mário Vitorino e de Boécio; os de Boécio sobre as *Categorias* e a *Interpretação*; os de Temístio sobre os *Segundos Analíticos*; o *Liber de Causis*, comentários de teses pertencentes à *Institutio Theologica* de Proclo, traduzidas do árabe para o latim por Gerardo de Cremo-

mea translatione sibi nouerit latinitas prouenire, postulationi uestre debet imputare. Non enim spe lucri aut inanis glorie ad transferendum accessi, sed ut aliquid conferens latinitati uestre morem generem uoluntati. Ceterum si in aliquo uisus fuero rationis tramitem excessisse, uestra uel aliorum doctorum ammonitione non erubescam emendare”.

(64). — Haskins, *STUDIES in MEDIAEVAL SCIENCE*, pág. 184.

(65). — M. Aurelii Cassiodori, *VARIARUM LIBER I*, Ep. XLV, PL 69, cl. 539 C.

na, a *Distinctio super librum Aristotelis de naturali auditu* de Alfara-
bi e as grandes paráfrases de Avicena.

O *Canon Medicinae* dêste ilustre filósofo muçulmano foi tradu-
zido para o latim por Gerardo Cremona, e suas obras enciclopédicas
de filosofia ou de ciências, bem como seus comentários sôbre os
escritos de Aristóteles, foram traduzidos por João da Espanha,aju-
dado, talvez, por Domingos Gundissalvo (Gundissalinus) (66).

Não posso encerrar êste capítulo sem realçar devidamente a
figura excelsa de Boécio, o mestre da Idade Média, que se notabi-
lizou tanto por seu platonismo, como por seu aristotelismo, afirma-
ção esta que rescende a paradoxo, mas facilmente explicável, quando
se sabe de suas intenções concordistas a respeito das doutrinas de
Platão e Aristóteles.

As opiniões são unânimes tanto sôbre o valor de Boécio, quan-
to sôbre a influência que irradiou sôbre a Idade Média. No século
XII êle avulta para Abelardo como "o maior filósofo entre os lati-
nos", que escreveu a respeito de quase tôdas as disciplinas das artes
liberais, notabilizando-se também por suas traduções para o latim
e por seus comentários (67).

Dante colocou-o no Paraíso entre Paulo Orósio e Santo Isido-
ro de Sevilha, São Beda, o Venerável, e Ricardo de São Vitor (68).
Modernamente, Rand considera-o como o mais consumado filósofo
e, com exceção de Santo Agostinho, o filósofo mais original que

- (66). — Van Steenberghen, SIGER DE BRABANT, d'après SES OEUVRES INÉDI-
TES, Second Volume, S'IGER dans l'HISTOIRE de l'ARISTOTÉLISME, pág.
392. De Ghellinck, L'ESSOR de la LITTÉRATURE LATINE AU XIIE.
SIÈCLE, pág. 249 e seguintes. M.-T. D'Alverny procedeu a uma investi-
gação nas bibliotecas da Europa a fim de estudar o texto das traduções
latinas de Avicena. As traduções latinas do *Kitâb al-Shifâ*, sua enciclo-
pédia filosófica, foram executadas em várias etapas. "A parte mais im-
portante, compreendendo a introdução e a *Isagoge*, o capítulo 7 da se-
gunda secção dos Segundos Analíticos, Física, secções 1 e 2, e o início
da secção 3, o *De Anima*, a sexta parte dos *Libri Naturales*, e a *Metafísica*
foram traduzidos em Toledo, no século XII, sem dúvida depois de 1150".
Veja-se a indicação dos tradutores dos vários trabalhos nesse precioso
artigo AVICENNA LATINUS in ARCHIVES d'HISTOIRE DOCTRINALE et
LITTÉRAIRE du MOYEN AGE, T. 28, 1962. Consulte-se também o artigo
anterior do mesmo autor: NOTES sur les TRADUCTIONS MÉDIEVALES
des OEUVRES PHILOSOPHIQUES d'AVICENNA in ARCHIVES — T. 19,
1953. O interessante trabalho de Alfaraabi sôbre a *Filosofia de Platão e de*
Aristóteles não foi conhecido pelos estudiosos medievais. Ainda no século
passado, confessava Munk só conhecê-lo através da descrição feita por
autores árabes. Dessa obra surgiu, há pouco, a tradução inglesa feita por
Muhsin Mahdi, ALFARABI'S PHILOSOPHY OF PLATO AND ARISTOTLE.
- (67). — "Restat denique ad maximum illud Latinorum philosophum, Boetium
scilicet, descendere, qui omnes fere liberalium artium disciplinas scri-
bendo vel transferendo seu etiam exponendo Latinis tradidit". Abaelardus,
THEOLOGIA CHRISTIANA, PL 178, cl. 1165 A.
- (68). — Dante, DIVINA COMÉDIA, Paraíso, Canto 10, 121.

Roma jamais produziu (69). Grabmann descreve em expressão lapidar a estatura histórica de Boécio, ao apresentá-lo como

“o último Romano e o primeiro Escolástico” (70).

Na verdade, o último grande filósofo leigo da Idade Antiga, cuja posteridade imediata será constituída por monges compiladores, e que só encontrará sucessores à altura, a partir do século XII, nutriu o projeto de traduzir para o latim os grandes monumentos do saber grego, as obras de Platão e de Aristóteles, empresa a que pôs ombros, mas foi abortada, de início, devido à cegueira mental do semi-bárbaro rei Teodorico. A fama do tradutor, entretanto, ainda lhe valeu em vida os encômios que lhe teceu Cassiodoro em carta que lhe endereçou:

“misturaste a toga com os pálios dos filósofos nas escolas de Atenas, para que o saber grego se tornasse doutrina romana” (71).

Boécio carregou para as celas monásticas e para os claustros das catedrais, onde funcionavam escolas, a tríplice influência do platonismo, do aristotelismo e do neoplatonismo. Foi buscar em Porfírio citações de Platão, Espeusipo, Xenócrates, Filão de Alexandria, Diodoro, Plotino (72). A *Consolação da Filosofia*, elaborada nos dias sofrendores do cárcere, foi um livro de predileção dos estudiosos medievais, que o comentaram junto com o *Timeu*; como diz Chenu, por essa obra foi o *Timeu* comentado. A Poesia IX do Livro III constitui uma síntese esplêndida e cinzelada do diálogo platônico:

“Ó Tu, que governas o mundo com lei imutável, Tu, o Criador da terra e do céu, que fazes brotar o tempo da Eternidade...” (73).

A *Logica Vetus* de que se alimentou durante séculos a curiosidade científica de monges e clérigos, foi herança boeciana. O “Pri-

(69). — Rand, FOUNDERS of the MIDDLE AGES, ch. V: Boethius, the first of the scholastics, pág. 134.

(70). — Grabmann, DIE GESCHICHTE der SCHOLASTISCHEN METHODE, Erster Band Dritter Abschnitt. Boethius, der letzte Römer-der erste Scholastiker, pág. 148.

(71). — “Sic enim Atheniensium scholas longe positus introisti; sic palliatorum choris miscuisti togam, ut Graecorum dogmata doctrinam feceris esse Romanam”; M. Aurelii Cassiodori, VARIARUM LIBER, I EP. XLV, PL 539 C; Alano de Lille no ANTICLAUDIANUS (II, 134), após referir-se a Aristóteles, alude às traduções de Boécio.

“Exerit ambiguum Seuerinus, quo duce linquens
Natalem linguam nostri peregrinat in usum
Sermonis logice uirtus ditatque latinum”.

(72). — Pierre Courcelle, LES LETTRES GRECQUES en OCCIDENT de MACROBES a CASSIODORE, pág. 267.

(73). — “O qui perpetua mundum ratione gubernas... PHILOSOPHIAE CONSO-LATIONIS, Liber III, Metrum IX.

meiro Escolástico” iniciou seu programa para conciliar Platão e Aristóteles com o comentário à *Isagoge* de Porfírio, baseado na tradução de Mário Vitorino, mas descontente com ela, empreendeu nova tradução, que fez acompanhar por novo comentário. Num passo dêste último coloca-se ante o problema dos Universais, numa atitude de dúvida prudência, à moda de Porfírio, inclinando-se, porém, para uma interpretação aristotélica da questão (74).

Traduziu e comentou as *Categorias*, traduziu e escreveu dois comentários sobre o *Peri Hermeneias*, traduziu os *Primeiros e Segundos Analíticos*, os *Tópicos*, talvez os *Elencos Sofísticos* e comentou os *Tópicos* de Cícero. Juntamente com êsses comentários e traduções, legou à Idade Média as seguintes obras de lógica: *Introductio ad syllogismos categoricos*, *De syllogismo categorico*, *De syllogismo hypothetico*, *De divisione*, *De differentiis topicis*; sobre outras artes liberais escreveu: *De institutione arithmetica*, *De institutione musica* e, por fim, o *De Consolatione Philosophiae*.

Além dessas obras filosóficas, redigiu Boécio cinco opúsculos teológicos, em forma de cartas, uma dedicada a Símaco, e as outras a um amigo comum a ambos: João, o Diácono, e nos quais aplica a lógica aristotélica à doutrina cristã. Entre os opúsculos destaca-se o *Liber contra Eutychen et Nestorium*, conhecido pelo título *De persona et duabus naturis*, consagrado à doutrina da Pessoa de Cristo e onde refugê a clássica definição de pessoa:

Persona est naturae rationalis individua substantia.

Outro extraordinário mérito de Boécio foi a fixação da terminologia filosófica, aristotélica, em língua latina como, por exemplo, *actus*, *species*, *principium*, *universale*, *affirmatio*, *negatio*, *dubitatio*, *differentia*, *divisio*, *accidens*, *contingens*, *potentia*, *speculatio*, etc. (75).

(74). — “*Ipsa enim genera et species subsistunt quidem alio modo, intelliguntur vero alio modo, et sunt incorporalia, sed sensibilibus juncta subsistunt in sensibilibus. Intelligentur vero praeter corpora, ut per semetipsa subsistentia, ac non in aliis esse suum habentia; sed Plato genera et species caeteraque non modo intelligi universalia, verum etiam esse atque propter corpora subsistere putat; Aristoteles vero intelligi quidem incorporalia atque universalia, sed subsistere in sensibilibus putat, quorum dijudicare sententias aptum esse non duxi. Altioris enim est philosophiae, idcirco vero studiosius ARISTOTELIS SENTENTIAM EXSECUTI SUMUS, NON QUOD EAM MAXIME PROBAREMUS, SED QUOD H C LIBER AD PRAEDICAMENTA CONSCRIPTUS EST, QUORUM ARISTOTELES AUCTOR EST*”. An. Manl. Sev. BOETHII COMMENTARIA IN PORPHYRIUM A SE TRANSLATUM, PL 64, cl. 85 D — 86 A.

(75). — Grabmann, DIE GESCHICHTE der SCHOLASTISCHEN METHODE, Erster Band, pág. 156-157.

A obra de Boécio, todavia, não se difundiu igualmente desde o início da Idade Média. No século IX as mais divulgadas foram os *Opúsculos teológicos* e a *Consolação da Filosofia*. O comentário sobre as *Categorias* só apareceu no fim do século X, e com Gerberto já surgem como material de leitura corrente os comentários e monografias que integram a *Logica Vetus* (76).

Em suma, se Boécio não conseguiu rematar seu plano de conciliar as doutrinas de Platão e de Aristóteles, contudo, exerceu marcante papel em sua disseminação, bem como na de elementos neoplatônicos, entre os estudiosos medievais.

(*Continua*).

(76). — Chenu O. P., *LA THÉOLOGIE au DOUZIÈME SIÈCLE*, pág. 142.